



## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

### Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

## ANNIE / 1982

ANNIE

*um filme de* JOHN HUSTON

*Realização:* John Huston *Argumento:* Carol Sobieski, *a partir da peça de* Thomas Meehan *e da banda desenhada de* Harold Gray *Fotografia (35 mm, Metrocolor, Panavision):* Richard Moore *Música:* Ralph Burns *Canções por* Charles Strouse, Martin Charnin *Montagem:* Margaret Booth (*supervisão*), Michael A. Stevenson *Interpretação:* Aileen Queen (Annie), Carol Burnett (Miss Hannigan), Albert Finney (“Daddy” Warbucks), Ann Reinking (Grace Farrell), Bernadette Peters (Lili), Tim Currey (Rooster), Geoffrey Holder (Punjab), Edward Herrmann (FDR), Sandy.

*Produção:* Rastar (Estados Unidos, 1982) *Produtor:* Ray Stark, *Cópia digital,* legendada electronicamente em português, 127 minutos *Estreia Mundial:* 17 de Maio de 1982, em Nova Iorque *Estreia em Portugal:* 17 de Dezembro de 1982, nos cinemas Castil e Império (Lisboa) *Primeira exibição na Cinemateca:* 23 de Outubro de 2009 (“John Huston, Cavaleiro Errante”).



*Cavaleiro errante*, chamou a Cinemateca a John Huston (1906-1987) para lhe adjectivar o trabalho no cinema a pretexto da retrospectiva integral de 2009. O título dessa retrospectiva referia como marcas a errância da obra, na qual desfilam filmes de género e fôlegos muito variados, e o carácter aventureiro, viajante, diletante, *bigger than life* também associado a uma forte personalidade. Num texto do catálogo – “Mais forte que o Diabo” –, uma radiografia da obra indica que John Huston filmou muito e em muitos lugares, com muitos actores e a partir de textos de muitos escritores. Como aí defendo, o coração dos seus filmes é o cinema clássico americano, um coração vibrante que foi pulsando a par do romantismo diletante da “personagem” do próprio realizador, ele mesmo vário e reverberante.

Situando o panorama geral da obra de Huston: falamos de 41 filmes, 38 títulos de ficção, ao longo das cinco décadas que vão de 1941 a 1987, anos de *The Maltese Falcon*, o *noir* que fixou a imagem de Humphrey Bogart, e *The Dead*, a partir de James Joyce, em que John, filho do actor Walter Huston (1884-1950), filmou a filha actriz Angelica Huston (nascida em 1951) num dos seus grandes papéis; da filmografia constam ainda três títulos documentais, uma trilogia de guerra realizada em 1943/45/46 para o Army Pictorial Service do War Department. O fôlego americano da obra de Huston, em que cabem produções grandiosas de grandes estúdios e outras de alguma maneira mais modestas, inclui produções ou co-produções com países europeus ou sul-americanos, e ainda filmes de paisagens e cenários não americanos, como a incursão

africana de um dos seus mais célebres filmes (*The African Queen*, com Bogart e Katharine Hepburn, quase exclusivamente filmado *on location*) e a incursão japonesa de um dos seus filmes menos estimados (*The Barbarian and the Geisha*, com John Wayne, filmado em grande parte em estúdio). Notar estes dados é dizer pouco sobre a errância do cavaleiro Huston, mas avancemos.

Na última das suas décadas como realizador no activo, John Huston filmou histórias de futebol e rapazes (*Victory*, 1981) e de crianças raparigas (*Annie*). Não é por um nem por outro que os anos 1980 ficaram marcadamente ligados à sua obra, que foi mais arriscada em *Under the Volcano* (1984), mais divertida em *Prizzi's Honor* (1985), sublime em *The Dead* (1987). *Victory* e *Annie* foram, no entanto, casos de grande popularidade pública, o que os aproxima como títulos da obra tardia. De ambos se pode dizer que têm um outro ponto em comum, o facto de serem filmes *coreografados*, com os lances de futebol do primeiro e os números cantados e dançados do segundo. De nenhum se pode afirmar que seja uma experiência exaltante, o que não é nota que dê prazer referir, mas que desde já esclarece o argumento desta “folha”.

Encarado em termos de contexto na obra de Huston, *Annie* é o filme da experiência *musical* do realizador que só nesse passo tardio de uma filmografia recheada da variedade dos géneros e tons que se lhe reconhece se aproximou do musical, fazendo-o no mesmo gesto em que se estreou a dirigir actores infantis. A estreia não correspondeu a nenhum impulso interior nem a um desejo súbito de enveredar pelo género. Ele próprio a explicou como uma proposta que não estava em condições de recusar e de que tirou partido, guardando-a como uma memória de rodagem feliz: “Nunca tinha feito nada parecido, pelo que o filme supunha alguma novidade. Acabei por me sentir um pouco como um estreante. Tive algumas dificuldades, mas valeu a pena e a experiência encantou-me. Há quem diga que trabalhar com crianças e animais é uma loucura, por serem muito difíceis de dirigir, mas eu penso o contrário (...). Neste filme tive de dirigir uma dúzia de miúdas e um cão e foi uma experiência fabulosa.”

A “experiência fabulosa” de Huston foi-lhe proposta por Ray Stark e construída a partir de um argumento trabalhado com base na encenação de um musical de 1977 por Mike Nichols, por sua vez assente numa banda desenhada originalmente publicada no *The Chicago Tribune* em 1924, *The Little Orphan Annie*, de Harold Gray. Uma miúda órfã, ruiva e dona de um cão adoptado na rua, e um poderoso multimilionário são as duas grandes personagens de *Annie*, que tem ainda lugar para uma “bruxa” e uma “fada”, se assim quisermos designar a terrífica neurótica dona do orfanato e a eficiente etérea secretária do multimilionário que conduz Annie do andrajoso orfanato à sumptuosa mansão. Como outras das personagens de *Annie*, também as delas são silhuetas caricaturais cujos movimentos jogam com o registo de comédia com que Huston cruza o seu musical ambientado na América do “New Deal”.

Honestamente, não há muito a acrescentar. *Annie* assume-se como um “*feel good movie*” e, à parte um ou dois gags dignos de nota ou o apontamento cinéfilo do *Camille* de Cukor, hoje não se descortinam as razões que levaram ao seu sucesso de estreia. Já as da genuína satisfação de Huston durante a rodagem, estão bem documentadas em referências de bastidores, em particular num livro que o devolve em fotografias de filmagens, *Annie on Camera*, onde se estampa o “breve e brilhante casamento” entre o musical de Hollywood e a fotografia de vanguarda, por Anne H. Hoy (texto) e William Eggleston, Mitch Epstein, Joel Meyerowitz, Jane O’Neal, Stephen Shore, Neal Slavin, Eric Staller, Robert Walker e Garry Winogrand (fotografias). Fica a referência e a recomendação.

Maria João Madeira